

## MEMÓRIA E PRÁTICAS CULTURAIS DIGITAIS

*Ymiracy Nascimento de Souza Polak*

*José Rogério Santana*

*Luciana Kellen de Souza Gomes*

### Introdução

Falar de memória é falar do homem e dos seus avanços. É um tema muito abrangente, e nos convida a retornar no tempo, pontuar os fenômenos socioculturais nos quais as práticas digitais se corporificam, tomam forma, dão sentido e ressignificam a existência humana.

Revisitar a história é revisitar o passado, o que exige um viajar no tempo, ir do ontem ao hoje, prospectando o vir-a-ser da espécie humana. Este revisitar caracteriza como uma construção histórica, uma vez que é preciso transitar entre as práticas culturais que fazem parte do cotidiano humano, ao mundo da convergência cultural e midiática. Este viajar requer a compreensão do sentido das práticas culturais e digitais do ontem, ou seja, o seu processo e o significado, o seu produto, percorrendo uma trilha que permita uma compreensão ampla da memória social digital.

Para tanto é preciso que contemplemos a memória cultural na cibercultura, na cultura digital, em que realidade e virtualidade se complementam, originando um novo discurso, um discurso que toma forma nos liames da modernidade para a sociedade contemporânea.

Discorrer sobre memória e práticas culturais e digitais é unir o ontem ao hoje, é viajar nas infovias, atentando para as mediações, para a memória e apropriações culturais e para as modificações presentes nas práticas culturais resultantes dos conteúdos que circulam nas mesmas. Desta forma, ao abordar

este tema pretendemos: revisitar o ontem pontuando-o como as práticas culturais e digitais têm contribuído com a construção da memória social e histórica.

A memória é fenômeno social que, segundo Lerner *apud* Dominquez (2012) “se na linguagem e que comporta relações de poder. Disputas e concepções diferentes sobre seus usos e práticas, segundo distintos contextos históricos”.

### **Desenvolvendo o Tema**

É impossível adentrar na história das práticas culturais e digitais sem nos debruçarmos sobre a cibercultura, a interdisciplinaridade e redes sociais. Fazendo assim, um recorte no tema

Desde o surgimento da informática torna-se possível verificar uma preocupação com os processos resultantes da informatização dos registros da memória cultural, social e digital.

De acordo com Dodebei (1997) na década de 1990, vários estudos já abordavam os desafios da informatização que a sociedade tinha que enfrentar, o que levou a opção pelo estudo do “núcleo interseção de três áreas que ora se inclinava para o caráter de valor documental de seus objetos ora para os processos de identificação, descrição e comunicação de seus conteúdos informacionais.

Desta forma, pode-se inferir que desde há muito existe a preocupação em se estudar a relevância da informatização não apenas como sobrevivência das instituições e da sociedade como um todo, mas como um meio de *circulação da cultura, criação de vínculos, de tribos, de articulação política e identitária.*

A interdisciplinaridade, a multiculturalidade são as bases de sustentação da memória das práticas culturais e sociais, devendo ser considerada na interface existente entre ambas. Nesta interface existem os *documentos*, nos quais está regis-

trada a memória social, que na sociedade contemporânea migrou dos registros impressos para as “*nuvens*”, para acervos digitalizados e armazenados em servidores. Embora os documentos digitais se encontrem no ciberespaço, eles devem representar tanto a *memória social*, quanto a *cultura digital*.

Os documentos podem ser *tangíveis e intangíveis* e neles se encontra registrada a memória sociocultural de um povo e, de uma civilização. Documentos *tangíveis* são os que além da visibilidade se materializam, tomam forma e, os *intangíveis* são os que têm visibilidade, mas não possuem forma material, são registrados no ciberespaço, virtualidade.

Conforme o exposto, os registros são efetuados em diversos suportes midiáticos os quais reproduzem os saberes, a cultura e o conhecimento de cada povo, de cada sociedade, de cada época.

Além do aspecto da materialidade precisamos também ver a questão da reprodutibilidade dos documentos, do seu registro material, dado que desde os primórdios o homem recorre à tecnologia para comunicar seus feitos, suas lendas, suas formas de cuidar, mediante o uso de tecnologias reprodutivistas, com o fito de assegurar a memória social dos fatos. Fenômenos estes que podem ser observados nas pinturas rupestres, nos papiros, pergaminhos, na tipografia, nas fitas de vídeo etc.

Contudo, desde o século XX, observamos uma mudança exponencial na forma de registros dos fenômenos e fatos socioculturais, quando se observa a passagem do *registro material ou tangível*, para o *registro imaterial, intangível e virtual* que se dá num espaço e tempo também diferenciado; que se dá na cibercultura, no ciberespaço.

De acordo com Dobedei (2011), o documento é um “constructo” que contém em si três proposições: a unicidade, a virtualidade e a significação.



Segundo o autor, na primeira proposição, ou seja, na unicidade, os documentos são objeto de estudo da memória social, devendo representar tanto a memória instituída quanto sua criação. Enquanto que, na virtualidade a qualificação do objeto se dá numa “dimensão espaço tempo seletiva”. Na terceira proposição, a transformação do objeto é intencional, uma “categoria temporária e circunstancial”.

### **Da Cultura e Prática Material para a Virtual e Imaterial**

As tecnologias e as mídias possibilitam novas formas de registros e um novo modo de ver o mundo, o que nos leva a recorrer a filosofia da tecnologia, para que possam ser vistas não apenas como instrumentos, ou seja, com uma *visão instrumental*, mas sim mediante, o olhar da teoria substantiva, que vê a tecnologia no bojo do social, rica de conhecimento, tendo uma finalidade um conhecimento, uma ética em si, indo além da produção e do utilitarismo.<sup>1</sup> A filosofia da tecnologia nos leva a questionar qual a visão da tecnologia instrumental e substantiva nos orienta.

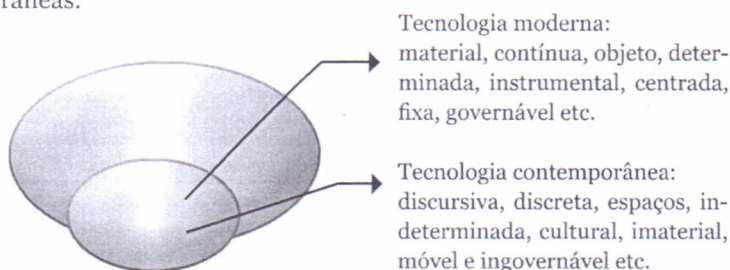
No concernente a cultura digital, vemos que ela vem sendo objeto de estudo de vários autores – Castells (2003 e 2005), Levy (2005) –, nos quais podemos verificar as diferenças existentes entre a cultura digital moderna e a da contemporaneidade: veja figura 1.

---

<sup>1</sup> Tecnologia é um dado cultural, que possui uma intencionalidade, uma ideologia. No início do século XX tivemos uma tecnologia voltada para a produção, uma tecnologia fabril, enquanto que a tecnologia dos meados do século XX e predominante no século XXI é a tecnologia da informação, da sociedade do conhecimento.



**Figura 1** – Figura comparativa da Tecnologias modernas e contemporâneas.



**Fonte:** adaptação de Dodebei (2011).

A migração exponencial dos registros culturais para a virtualidade, para a cibercultura, pode ser observada com a criação das bibliotecas virtuais, dos museus virtuais, do hipertexto, do e-book, dos sites, portais e da convergência midiática. Nessa trajetória, os registros saem do analógico para o digital, a leitura deixa de ser linear e passa a ser alinear, e os usuários de consumidores de tecnologias passam a ser produtores de mídias.

Resulta da infinidade de mídias e da existência maior de “migrantes digitais” do que dos “nativos digitais” a preocupação em manter, disseminar as práticas culturais no ciberespaço e a questão do como manter as memórias que circulam neste espaço?.

No ciberespaço encontram-se novas identidades, novas tribos que organizam aleatoriamente, sem um objetivo definido, sem uma liderança específica, desestruturando regimes e instituindo uma nova cultura de manifestação com o que vem sendo observado nas redes sociais em todo o planeta.

No ciberespaço temos o *patrimônio digital*, patrimônio imaterial e prenehe de cultura, envolvendo textos, softwares, imagens, sons etc e, numa circulação volátil e, efêmera da memória que toma forma na *virtualidade imagética*..

O espaço da cibercultura assegura que a memória seja preservada e multidirecionada e requer que os registros não sejam apenas informacionais, mas comunicantes doadores de novos sentidos e significados.

### **Memória e Práticas Culturais Virtuais na Contemporaneidade**

Pelo exposto vimos que o ciberespaço é o lócus da construção e reconstrução do conhecimento da contemporaneidade; é um espaço de armazenamento contínuo de informações, esta produção se alterna entre o tripé apontado por Levy (2005) “da oralidade primária ou mítica, a escrita e a informática imagética” ao abordar o tema inteligência coletiva; salientando que o metabolismo da informação presente na sociedade digital, no espaço em foco os artefatos se criam, são difundidos, apreendidos num dinamismo veloz.

Apesar da cultura digital ser forte na contemporaneidade, ainda vemos o predomínio da escrita como fonte de memória, mas essa tecnologia vem sendo ameaçada pelas tecnologias de informação e de comunicação, pelas diversas mídias utilizadas na sociedade do conhecimento, exemplo deste fenômeno são as redes sociais, que aproximam pessoas distintas, com credos distintos em torno de uma temática, na velocidade da luz. Fazendo do homem um ser ubíquo.

[...] A indústria eletrônica se esmera na produção de equipamentos que aproximam virtualmente os indivíduos por sons e imagens. O correio eletrônico tradicionalmente produzido pela tecnologia da escrita, ainda que virtualizado imageticamente vem sendo substituído pela câmera digital adicionada a microfones para transmissão de voz, o que sintetiza em um único aparato – o computador –, a maioria das relações sociais. A oralidade sombreia a escrita e traz como consequência dessa mu-





dança a reformatação da informação em seus contextos de produção, de armazenamento e de recepção. Quer seja por meio da oralidade primária (comunicação que antecede a tecnologia da escrita) ou pela oralidade secundária (estatuto da palavra que é complementar ao da escrita) a produção de conhecimentos importa as configurações da tradição oral, principalmente no seu aspecto processual. ( DODEBEI, *on line*)

A ubiquidade gerada pelo ciberespaço faz com que o homem esteja presente em todos os espaços, ao mesmo tempo, tornando o homem um ser de pertença à aldeia global, dado que no ciberespaço não existe fronteiras nem tempo. De acordo com Jeudi (1990) a memória já não faz parte do espaço simulado: ao mesmo tempo lógico, simbólico e temporário.

Apesar de ser efêmeros e instáveis os registros na virtualidade, no qual a preservação da informação pode ser ameaçada, vemos que esforços são envidados no sentido de transformar os bens materiais, tangíveis em imateriais e intangíveis; observa-se uma tendência de aproximar ou superar a memória virtual, da presente na tecnologia da escrita, De acordo com Sayão *apud* Dodebei (2008) “o que se espera da preservação digital é, em última análise, preservar o conteúdo intelectual de um objeto digital”. O preservar enfatizado pela autora implica em manter o significado para que seja possível a recriação original do objeto.

### **Considerações Finais**

A discussão sobre memória e práticas culturais e digitais nos direciona inevitavelmente a discussão sobre as vivências humanas do ontem e do hoje, atentando para as mediações, para a memória e apropriações culturais e para as modificações presentes nas práticas culturais resultantes da cultura digital, ou cibercultura.

Outrossim, não é possível compreender na história das práticas culturais e digitais sem debruçarmos sobre a cibercultura, a interdisciplinaridade e redes sociais.

Esse debate sobre os impactos da informatização dos registros da memória cultural e digital não é, de certo modo recente, ele reside nos debates acadêmicos desde o surgimento da informática.

De acordo com Dodebei (1997) desde a década de 1990, já há registros de pesquisas que buscam interpretar as mudanças ocasionadas no bojo da sociedade a partir do incremento digital.

Infere-se deste modo que desde muito existe a preocupação em se estudar a relevância da informatização não apenas como sobrevivência das instituições e da sociedade como um todo, mas como um meio de *circulação da cultura, criação de vínculos, de tribos, de articulação política e identitária*.

As bases de sustentação da memória e das práticas culturais digitais e sociais são a interdisciplinaridade e a multiculturalidade, interfaceadas pelos documentos nos quais está registrada a memória social, assumindo eles o caráter digital, armazenado em servidores. É peremptório destacar que, embora os documentos digitais se encontrem no ciberespaço, eles devem representar tanto a *memória social*, quanto a *cultura digital*.

Conforme o exposto os registros são efetuados em diversos suportes midiáticos os quais reproduzem os saberes, a cultura e o conhecimento de cada povo, de cada sociedade, de cada época. É no espaço da cibercultura que assegura-se que a memória seja preservada e multidirecionada e requer que os registros não sejam apenas informacionais, mas comunicantes doadores de novos sentidos e significados.

Apesar de a cultura digital ser forte na contemporaneidade, ainda vemos o predomínio da escrita como fonte





de memória, mas essa tecnologia vem sendo ameaçada pelas tecnologias de informação e de comunicação, pelas diversas mídias utilizadas na sociedade do conhecimento, exemplo deste fenômeno são as redes sociais, que aproximam pessoas distintas, com credos distintos em torno de uma temática, na velocidade da luz. Fazendo do homem um ser ubíquo.

A ubiquidade gerada pelo ciberespaço faz com que o homem esteja presente em todos os espaços, ao mesmo tempo, tornando o homem um ser de pertença à aldeia global, dado que no ciberespaço não existem fronteiras nem tempo.

### Referências Bibliográficas

CASTELLS, Manuel. *A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2003.

\_\_\_\_\_. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

DOMINGUES, Bruno. *Uma reflexão sobre redes, digitalização e memória* <http://www6.ensp.fiocruz.br/radis/conteudo/uma-reflexao-sobre-redes-digitalizacao-e-memoria> Acesso em: 01 ago. 2013.

DODEBEI Vera. Cultura Digital: novo sentido e significado de documento para a memória social? *DataGramZero – Revista de Ciência da Informação* – v. 12, n. 2, abr/11 [http://www.dgz.org.br/abr11/Art\\_01.htm](http://www.dgz.org.br/abr11/Art_01.htm)

\_\_\_\_\_. *Patrimônio e Memória Digital Morpheus – Revista Eletrônica em Ciências Humanas – Ano 04, número 08, 2006 – ISSN 1676-292*. Disponível em: <http://www.unirio.br/morpheusonline/numero08-2006/veradodebei.htm>. Acesso em 01 ago. 2013.

JEUDY, Henri-Pierre. *Memórias do social*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

LÉVY, Pierre. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. São Paulo: Loyola, 2003.

\_\_\_\_\_. *Cibercultura*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 2005.

MAFFESOLI, Michel. O poder dos espaços de celebração. *Rev. Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 116, p.59-70, jan./mar. 1994.

